

**“La jornada gloriosa del 11 de Junio”: A Batalha Naval do Riachuelo como  
propaganda de guerra nos periódicos paraguaios.**

**Sergio Willian de Castro Oliveira Filho<sup>1</sup>**

**RESUMO:**

A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai foi um conflito cuja análise pode extrapolar as características políticas e econômicas, isto é, ante um conflito que colocava em campos antagônicos nações recentemente surgidas, a construção discursiva da nacionalidade, da pátria, do sentimento de pertencimento a um território, foi algo que preencheu ambos os lados da guerra. Nossa proposta de análise surge deste ponto de partida, mas almeja tratar um episódio específico: a Batalha Naval do Riachuelo. Tal embate, ocorrido entre as forças navais paraguaia e brasileira em 11 de junho de 1865, trouxe numerosos desdobramentos propagandísticos na imprensa paraguaia. Poucos dias após tal episódio e nos anos subsequentes, ainda durante a guerra, houve da parte de alguns periódicos que circulavam em Assunção, a construção de um discurso que proclamava a vitória paraguaia naquele famoso 11 de junho de 1865. De modo que propomos discutir como tal imprensa paraguaia pode ser abordada como fonte para uma análise no campo da historiografia militar.

**Palavras-Chave:** Batalha Naval do Riachuelo; Imprensa paraguaia; Propaganda.

**ABSTRACT:**

The War of the Triple Alliance against Paraguay was a conflict whose analysis can extrapolate the political and economic, that is, in a conflict that put in newly emerging antagonistic nations fields, the discursive construction of nationality, country, the feeling of belonging to a territory, was something that filled both sides of the war. Our analysis of this proposal is a starting point, but aims to treat a specific episode: the Battle of Riachuelo. This confrontation, which occurred between the Paraguayan and Brazilian naval forces on June 11, 1865, brought numerous propagandistic developments in the Paraguayan press. A few days after this episode and in subsequent years, even during the war, was part of some journals circulating in Asuncion, the

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas. Estudante do curso de Especialização em História Militar Brasileira da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

construction of a speech proclaiming the Paraguayan victory that famous June 11, 1865. So we propose to discuss how such a Paraguayan press can be approached as a source for analysis in the field of military historiography.

**Keywords:** Battle of Riachuelo; Paraguayan press; Propaganda.

## Introdução

A história<sup>2</sup> é feita de versões, seu caráter é subjetivo e por tal motivo o historiador é um selecionador. Esta máxima da subjetividade histórica encontra respaldo no meio acadêmico há muitas décadas, desde a ascensão de uma perspectiva historiográfica que visou compreender os acontecimentos a partir de uma lógica do não absoluto e da multiplicidade de olhares.

De fato, tal caminho, muitas das vezes tortuoso e repleto de implicações de caráter ideológico, está eivado pela audácia do historiador que almeja dar voz àqueles que muitas das vezes são silenciados por uma escrita deveras objetiva ao mesmo tempo em que se defende das acusações de relativização a partir do discurso das múltiplas verdades históricas.

Considero tal caminho interessante, apesar das ressalvas quanto à exacerbação do relativismo histórico, na medida em que, apesar de seguir a ideia da pluralidade de versões e da subjetividade inerente aos sujeitos históricos (inclusive os historiadores), vejo que, ainda assim, devemos ter certo compromisso metodológico em nosso *métier*.

Se a lógica dos variados olhares e interpretações sobre um mesmo acontecimento são recorrentes nos escritos de historiadores, mostram-se mais latentes ainda no que convencionamos denominar de “calor dos acontecimentos”. Este “calor” é potencializado dependendo do tipo de acontecimento, como por exemplo, um conflito bélico de grandes proporções.

Quando falamos de uma guerra levada a cabo no século XIX na América do Sul como o foi a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), não podemos esquecer que aí estiveram em jogo aspectos que extrapolaram as características políticas e econômicas, isto é, ante um conflito que colocava em campos

---

<sup>2</sup> O termo história aqui empregado o é feito no mesmo sentido do de Michel de Certeau, isto é, “no sentido de historiografia. Quer dizer, entendo por história uma prática (uma disciplina), seu resultado (um discurso) e sua relação”. In. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 109.

antagônicas nações recentemente surgidas, a construção discursiva da nacionalidade, da pátria, do sentimento de pertencimento a um território, foi algo que preencheu ambos os lados da guerra.

Minha proposta de análise tem tal ponto de partida, porém, transito para algo mais restrito que a guerra, ou seja, buscarei nas linhas que se seguem, tratar de um episódio específico: a Batalha Naval do Riachuelo. Tal embate, ocorrido entre as forças navais brasileira e paraguaia em 11 de junho de 1865, trouxe numerosos desdobramentos propagandísticos durante a guerra na imprensa paraguaia.

Curiosamente, tal data é comemorada até hoje pela Marinha do Brasil como sua Data Magna e rememorada, ano após ano, como a maior vitória naval brasileira de toda a sua história. Durante o ano de 2015, em especial, uma multiplicidade de eventos foi posta em prática para reafirmar e rememorar os feitos da Esquadra Brasileira ocorridos há 150 anos nas proximidades do pequeno afluente do Rio Paraná chamado Riachuelo.

Porém, nem mesmo uma batalha, acontecimento este, aparentemente, tão objetivo, no qual dois lados se opõem belicamente e que ao final, teoricamente, só há um vencedor, consegue fugir da dinâmica subjetiva das variadas interpretações de um fato.

Dessa maneira, houve da parte de alguns periódicos que circulavam em Assunção e no *front* paraguaio durante o período da Guerra, a construção de um discurso que proclamava a vitória paraguaia naquele famoso 11 de junho de 1865. Logicamente não se pode deixar de ter mente que tais tipos de escrito, por estarem sob controle governamental, possuíam um caráter de elevação da moral paraguaia a fim de não esmorecer sua população que tinha acesso às informações do campo de batalha por tal meio.

Entretanto, independente dessa constatação, é notável como a vitória nessa batalha passou a ser reivindicada por ambos os lados e que a versão da imprensa paraguaia à época não trazia um descabro de mentiras, mas uma versão, repleta de intencionalidades sem dúvida, contudo bem construída sobre os fatos que se desenrolaram naquele 11 de junho.

## **A Batalha na historiografia**

As versões brasileiras da Batalha são bem conhecidas e não constituem meu interesse abordá-las, na medida em que já receberam estatuto de “verdade histórica” consolidada através de nossa historiografia naval. Apesar disso, cabe apresentar de modo sucinto como se constitui a abordagem sobre tal embate na historiografia brasileira.

Almeida considera que naquele domingo de junho de 1865, ocorreu “uma vitória incontestável da Armada Imperial brasileira”<sup>3</sup>. A maior parte dos historiadores que se debruçaram sobre o tema<sup>4</sup> parece concordar com a afirmação de Almeida e os relatos a respeito da Batalha são bastante similares.

A Força Naval brasileira que participou do episódio era comandada pelo Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso e compunha-se dos seguintes navios dispostos em duas Divisões: Fragata *Amazonas* (Capitânia), Canhoneira *Paranaíba*, Canhoneira *Iguatemi*, Canhoneira *Araguari*, Canhoneira *Mearim*, Corveta *Jequitinhonha*, Corveta *Beberibe*, Corveta *Belmonte* e Canhoneira *Ipiranga*.

Alguns dias antes da Batalha do Riachuelo, esta Força Naval apoiou o ataque a cidade argentina de Corrientes que se encontrava sob ocupação paraguaia. Após tal ataque a Esquadra Brasileira recuou e fundeou a alguns quilômetros ao sul de Corrientes. Ante a ameaça que representava tal presença, Solano López, que se encontrava em Humaitá, articulou o plano para neutralizar o inimigo determinando um ataque da Esquadra paraguaia aos navios brasileiros.

Comandada pelo Capitão de Fragata Pedro Inacio Mezza, a Força Naval paraguaia que participou da Batalha era composta por oito navios<sup>5</sup> e seis chatas artilhadas<sup>6</sup> que receberam apoio durante o confronto das forças de artilharia nas barrancas próximas à foz do Riachuelo.

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Riachuelo: uma batalha de controvérsias*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015, p. 54.

<sup>4</sup> Sugerimos a leitura das seguintes obras para um dimensionamento da historiografia brasileira a respeito do tema: DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; BITTENCOURT, Armando de Senna. *A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*. In VIDIGAL, Armando & ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Orgs.). *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009, pp. 253-300; DONATO, Hernani. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001; NAVIGATOR: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro. Vol. 11 nº 21-22. JUN/DEZ-2015 (Dossiê: 150 anos da Batalha Naval do Riachuelo: Reflexões e abordagens sobre a Guerra da Tríplice Aliança, Partes I e II).

<sup>5</sup> *Taquari, Pirabebe, Igurei, Ipora, Jejui, Salto Oriental, Marquês de Olinda e Paraguari*.

<sup>6</sup> “Elas eram embarcações de pequeno tamanho, que variavam entre quinze e quarenta metros e não possuíam remos, velas ou qualquer outro mecanismo propulsor, e eram rebocadas até o local em que atuariam, onde permaneceriam ancoradas. As chatas possuíam fundo chato e um perfil baixo,

Não adentrarei nos detalhes que envolveram a Batalha, apenas cabe mencionar que na historiografia brasileira que trata do tema o desfecho da Batalha foi favorável à Esquadra Imperial que, devido a uma manobra ousada de abalroamento arquitetada por Barroso fazendo uso da *Amazonas*, destruiu quase que totalmente a Força Naval Paraguaia, garantindo o bloqueio fluvial e modificando a partir de então os rumos da guerra, já que os paraguaios, sem a possibilidade de uso dos rios retraiu-se de modo defensivo.

Bittencourt afirma categoricamente que: “Antes do pôr-do-sol de 11 de junho, a vitória era brasileira. Os quatro navios paraguaios que escaparam, fugindo rio acima, eram o *Taquari*, o *Igurei*, o *Pirabebe* e o *Iporá*”<sup>7</sup>; complementando adiante que, apesar de não haver sido a maior operação naval daquela guerra, tampouco a mais estrategicamente articulada, “Riachuelo, porém, foi uma primeira grande vitória, que marcou uma inversão de expectativas, naqueles tempos difíceis (...) foi uma batalha decisiva”<sup>8</sup>.

Por sua vez, Doratioto, não considera que o resultado em Riachuelo tenha tido caráter decisivo, na medida em que “as fortalezas inimigas [paraguaias] sobre o rio Paraguai impediram o domínio dessa via fluvial pela esquadra brasileira, situação que perdurou até 1868”<sup>9</sup>. Entretanto, no que diz respeito ao saldo final do embate, é concordante no que diz respeito à vitória da Esquadra brasileira:

A vitória brasileira permitiu, porém, bloquear o contato marítimo do Paraguai com outros países, que inviabilizou a obtenção de armamentos e mercadorias pelo Prata, e ainda, pôs fim ao avanço da coluna invasora de Corrientes. A vitória causou otimismo exagerado no Brasil (...) <sup>10</sup>

O governo paraguaio procurou esconder da população a extensão da derrota sofrida na Batalha do Riachuelo, e sequer liberou lista com os nomes dos mortos e feridos.<sup>11</sup>

Justamente por tal razão, essa visão uníssona e inequívoca da vitória brasileira nem sempre foi a única versão acerca da Batalha Naval do Riachuelo. Logo após a Batalha e nos dois anos que seguiram, quem tivesse acesso às informações sobre aquele embate tão somente a partir dos periódicos que eram impressos em Assunção

---

praticamente ao nível da água, ficando visível apenas a boca de seu único canhão”. In. DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit. pp. 146-47.

<sup>7</sup> BITTENCOURT, Armando de Senna. Op. cit. p.287.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 291.

<sup>9</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit. pp. 150-151.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 152.

teria certeza que o resultado havia sido outro. A vitória da monumental batalha no Rio Paraná, teria sido das forças paraguaias, que apesar de terem sofrido pesadas perdas, teriam posto a força naval brasileira em fuga. Isto é, através da imprensa, que era totalmente ligada ao governo paraguaio, a derrota em Riachuelo transformou-se em uma gloriosa e sangrenta vitória.

Tratando das apropriações da Batalha pela imprensa brasileira entre 1865 e a década de 1910, Arias Neto faz uma constatação deveras relevante:

A batalha naval do Riachuelo é um acontecimento que desafia a imaginação historiográfica entre outras razões pelo fato de que ela se tornou célebre no momento em que aconteceu e não posteriormente. Assim sua fama, por assim dizer produziu-se instantaneamente, transformando-se de imediato em lugar de memória e monumento histórico.<sup>12</sup>

Assim, esta batalha, conforme apontarei adiante, teve na chamada imprensa de trincheira<sup>13</sup> paraguaia sua constituição como monumento histórico similar ao que ocorreu no Brasil no estatuto épico, heróico, grandioso, singular, porém com uma radical diferença: a propaganda de guerra na imprensa do Paraguai apontava outro vencedor, isto é, as forças paraguaias.

Não é meu interesse discorrer a respeito de qual versão seria a mais verossímil. Tampouco apresentar “os fatos como verdadeiramente ocorreram”, mas minha metodologia propõe-se similar à empregada por Robert Darnton quando este estudou o relato de um burguês anônimo, habitante de Montpellier, que descreveu sua cidade no ano de 1768. Analisando as diversas e fascinantes nuances deste texto de 426 páginas intitulado de “*Etat et description de la ville de Montpellier fait em 1768*”, Darnton arremata que “Nossa tarefa não é descobrir qual o verdadeiro aspecto de Montpellier em 1768, mas entender como nosso observador a observou”<sup>14</sup>.

Ou seja, tomando a liberdade de parafrasear Darnton, minha tarefa aqui não é descobrir qual é o verdadeiro relato a respeito da Batalha Naval do Riachuelo, mas entender como uma apropriação foi feita pela imprensa paraguaia durante a guerra com intenções voltadas ao esforço de guerra, criando, de tal modo, uma outra “verdade”.

---

<sup>12</sup> ARIAS NETO, José Miguel. *Uma batalha naval concentra por si só um século de glórias: Riachuelo na história e na memória*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015, p. 37.

<sup>13</sup> FARINA, Bernardo Neri. *El periodismo de guerra*. Asunción: El Lector, 2013.

<sup>14</sup> DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 144.

Gostaria agora de me debruçar sobre os constructos discursivos da imprensa paraguaia que se dedicou ao tema no “calor dos acontecimentos”, através de matérias publicadas no “*El Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*” e no “*El Centinela*”.

## A Batalha nos periódicos paraguaios

Antes de abordar de que modo houve a apropriação da Batalha Naval do Riachuelo pela imprensa paraguaia durante o conflito, cabe fazer uma rápida apresentação dos dois periódicos analisados.

“*El Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*” – que a partir de agora passaremos a chamar somente de *El Semanario* – tivera seu primeiro número lançado em 21 de maio de 1853 e foi durante mais de uma década o único jornal a circular no Paraguai, até que em meados de 1867 o governo paraguaio incentivou o surgimento de outros periódicos a fim de contribuir com o esforço de guerra.

Como o próprio nome já indicava, sua publicação era semanal e seu lema era “Viva a Republica do Paraguai”. O *El Semanario* era totalmente vinculado ao Estado e sua impressão era viabilizada pela *Imprensa del Estado*. Além disso, em seu editorial o então presidente, Carlos López, era apontado como diretor do periódico, de modo que, a missão básica do *El Semanario* era de explicar a seus leitores orientação política do governo de Carlos López e as ações do Estado, funcionando como uma folha oficial.



Figura 1: Reprodução da capa do primeiro número do “*El Semanario*”

Quando do início da Guerra, ao final do ano de 1864, reforçada com a sua exacerbação após a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, o *El Semanario* voltou grande parte de suas atenções ao conflito bélico, tendo sido um instrumento do governo paraguaio para divulgação dos feitos paraguaios no campo de batalha, conforme abordaremos adiante.

Poucos anos depois, a partir de 1867, o presidente Francisco Solano López, incentivou o surgimento de outros periódicos a fim de também servirem como portavozes do governo com relação à elevação da moral da população e das tropas. Desta leva surgiram os jornais: *El Centinela* (1867-1868), *Cabichuí* (1867-1868), *Cacique Lambaré* (1867-1868) e *La Estrella* (1869). Algumas dessas publicações traziam matérias no idioma guarani, vastamente utilizado no Paraguai à época, enquanto que o *Cacique Lambaré* era totalmente publicado neste idioma.

Maria Lucrecia Johansson nos indica que:

*Desde el comienzo de las hostilidades, la prensa de los países beligerantes se dedicó a tratar ampliamente el conflicto. En el caso del Paraguay, inmerso en un contexto de guerra total, el gobierno inició una campaña de propaganda que consistió en la disseminación de ideas tendientes a inducir determinados comportamientos. (...) como bien sostiene Jean-Marie Domenach, a partir del siglo XVIII la propaganda se convirtió en un auxiliar de las estrategias de guerra, que comenzaron a conducirse tanto por las armas como por la ideología.*<sup>15</sup>

Dentre esses periódicos surgidos em 1867 estava o *El Centinela*, que teve seu primeiro número publicado em 25 de abril de 1867 e apresentava-se como um “Periodico serio-jocoso”. Uma das novidades trazidas por este periódico de trincheira era a presença de várias xilogravuras em seus números, muitas das quais com forte teor jocoso que apresentavam o inimigo de modo ridicularizado ou com traços de exultação à República do Paraguai e de seu presidente “*Mariscal López*”, homenageado em seu primeiro número nos seguintes termos: “*El Centinela Exmo. Senõr [Solano López], es vuestro soldado – Al nacer os presenta sus armas y os bendice*”<sup>16</sup>.

Johansson sustenta que tal periódico era redigido com vias a atingir um publico leitor específico: os soldados. De modo que, seu título – *El Centinela* – já

---

<sup>15</sup> JOHANSSON, María Lucrecia. *El guarani como arma de lucha: lengua e identidad nacional em la prensa de guerra paraguaya (1867-1868)*. In. RODRIGUES, Fernando da Silva & PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). *Uma tragédia americana: a Guerra do Paraguai sob novos olhares*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. 503.

<sup>16</sup> ‘*El Centinela*’, Assunção, 25 de abril de 1865.



denotava tal tentativa de aproximação, isto é, tal periódico se propunha como um soldado que militava em um campo diferente daqueles que se encontravam na linha de batalha, mas cujo objetivo era o mesmo. Mas, além disso, sua linguagem diferia do ‘*El Semanario*’, fazendo uso de “*expressiones coloquiales o vulgares perseguia el fin de exponer a los lectores lo más claramente posible las opiniones y reflexiones de los periódicos que al gobierno le interesaba consolidar*”<sup>17</sup>.



Figura 2: Reprodução da capa do primeiro número do “*El Centinela*”

A Batalha Naval do Riachuelo surge pela primeira vez na imprensa de Assunção no dia 17 de junho de 1865, ou seja, seis dias após os combates no Rio Paraná. O *El Semanario* tratou do embate como uma notável vitória paraguaia, informando aos seus leitores que apesar do maior poderio bélico da Esquadra Brasileira, esta tinha sido posta em fuga pelas forças navais, de infantaria e de artilharia paraguaias:

*Nuestra flotilla pasó serenamente bajo los fuegos de la escuadra enemiga à ponerse mas abajo, y en inteligencia con el Comandante Bruguez que sobre el Riachuelo habia tomado posicion con el 2º regimiento de artilleria a caballo. (...)*  
*En la mañana del 12 llegaron nuestros vapores em Humaitá à reparar sus avarias. El Capitan Mesa fué ferido.*  
*(...)*  
*Pero ha sido tal el descalabro del enemigo qu ni pensó en la persecucion que pudo ejecutar sobre el resto de nuestra escuadrilla (...)*

<sup>17</sup> Ibidem, p. 504.

*El día 11 de Junio será muy señalado entre los gloriosos de la Patria, porque em ese día hemos mostrado al mundo una vez mas que somos dignos de la independencia que sostenemos contra el poder de un Imperio y de dos Republicas que se conjuran contra nosotros.*<sup>18</sup>

Assim, o fato de a Esquadra brasileira não ter imposto perseguição aos navios paraguaios foi apontado como sinal da vitória paraguaia na Batalha. Segundo o articulista o triunfo se deveu às baterias de artilharia em terra que supostamente teriam posto o inimigo em estado de “descalabro”.

Essa ênfase dada às forças terrestres nesta batalha fluvial pode ser medida pela criação de uma condecoração pelo governo paraguaio no dia 02 de julho de 1865: *La Medalla de Riachuelo*. Tal medalha, de acordo com o Decreto de Solano López, deveria ser concedida ao 2º Regimento de Artilharia a Cavalos, que durante o embate esteve sob o comando do Tenente-Coronel José María Bruguéz<sup>19</sup>.

No entanto tal Medalha traz um indício interessante acerca deste constructo discursivo da vitória paraguaia na Batalha Naval do Riachuelo que é a legenda de seu reverso: “*Riachuelo 11 y 13 de junio 1865*”. Isto é, houve da parte da propaganda paraguaia uma extensão dos eventos celebrados pela Marinha do Brasil do dia 11 de junho para outro evento que se desenrolou dois dias depois, em 13 de junho.

No dia 13 de junho, o Chefe de Divisão Barroso determinou o retorno de alguns navios ao local da Batalha a fim de tentar desencalhar a Corveta *Jequitinhonha*. Para tal missão foram enviados a Canhoneira *Ipiranga* (sob o comando do Primeiro-Tenente Álvaro Augusto de Carvalho), a Canhoneira *Mearim* (sob o comando do Primeiro-Tenente Elisiário José Barbosa), a Canhoneira *Araguari* (sob o comando do Primeiro-Tenente Antonio Luís von Hoonholtz) e a Canhoneira *Iguatemi* (sob o comando do Primeiro-Tenente Justino José de Macedo Coimbra). Entretanto, a missão não se mostrou bem sucedida, pois ao chegarem ao local onde se encontrava a *Jequitinhonha* os navios brasileiros foram atacados pela artilharia paraguaia que estava nas barrancas de Santa Catalina e após cerca de três horas de combate a missão foi abortada.

Assim, tal desdobramento dos eventos do dia 11 no dia 13 de junho constituiu-se como sinal do êxito paraguaio difundido nos periódicos “*El Semanario*” e

---

<sup>18</sup> ‘*El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*’, Assunção, 17 de junho de 1865.

<sup>19</sup> MAYANS, Miguel Angel Pratt. *Condecoraciones Y Medallas de las Guerras del Paraguay*. Asunción: El Autor, 2007.

“*El Centinela*”. Dois anos depois, o periódico ‘El Centinela’ faria menção ao 13 de junho como coligado à Batalha Naval do Riachuelo:

*Celebres han sido los combates navales que han tenido lugar en las aguas del Paraná en los días 11 y 13 de Junio de 1865.*

*El gran combate del Riachuelo es de alta significacion, y uno de los encuentros que han hecho conocer al enemigo su impotencia.*

(...)

*Extraordinario fué el valor de nuestros marinos, luchando com elementos superiores, sin mas apoyo que su valor e intrepidez – Cuerpo a cuerpo, brazo a brazo, y si dijéramos pecho a pecho y diente a diente han peleado los héroes del 11 de Junio.*

(...)

*Enormes daños sufrieron los buques enemigos (...) hasta al etremo de hacer salir en vergonhosa fuga (...)*

*Salud á los vencedores del Riachuelo.*<sup>20</sup>

O argumento primordial era que, apesar da superioridade do inimigo, a bravura dos marinheiros paraguaios suplantou o poderio do adversário lançando estes em uma fuga impotente e vergonhosa. Ora, dois anos após a Batalha Naval do Riachuelo, apesar de a guerra ainda estar em sua metade, era perceptível que havia ocorrido uma inversão radical na iniciativa ofensiva se comparado aos meses iniciais do conflito. Os aliados agora avançavam paulatinamente rumo ao território paraguaio, enquanto estes se defendiam de maneira bravia. Conforme Johansson, desde 1866 a guerra adentrara em uma segunda fase que se estendeu até 1869, marcada pela entrada das tropas da Tríplice Aliança em território paraguaio onde “*el enfrentamiento se convirtió en una guerra de trincheras o de desgaste, solo alterada por grandes batallas con miles de muertos que no lograban modificar las líneas de combate*”<sup>21</sup>.

Tais notícias, rememorando os feitos paraguaios de 11 e 13 de junho de 1865, visavam dar aos receptores de tais matérias, primordialmente os combatentes, um fôlego extra de elevação moral ante o imenso desafio de defender-se das forças da Tríplice Aliança e do desgaste da guerra.

Nas narrativas desenvolvidas no Brasil, construídas após a Batalha, levantou-se um panteão de heróis navais, tais como o Chefe Barroso, o Guarda-Marinha Greenhalgh e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias, cujas figuras heróicas foram constantemente reelaboradas no decorrer das décadas de acordo com os interesses

---

<sup>20</sup> ‘*El Centinela*’, Assunção, 13 de junho de 1867.

<sup>21</sup> JOHANSSON, María Lucrecia. Op. cit. p. 503.

institucionais<sup>22</sup>. Logicamente, o *status* heróico de tais sujeitos sustentou-se em grande medida pela vitória brasileira ao fim da Guerra, entretanto, cabe ressaltar que a imprensa paraguaia do período aqui abordada também constituiu o relato da Batalha a partir de um constructo épico, fazendo questão de apontar os feitos e mortes heróicas de vários de seus combatentes.

No dia 24 de junho de 1865, o *El Semanario*<sup>23</sup> apontaria, de modo elogioso no intento de constituição de um panteão heróico da Batalha, nominalmente vários militares paraguaios, dentre eles: Tenente Robles, Alferes Vicente Alcaras, Alferes Tomas Galiano, Alferes Justo Martinez, Comandante José Alonzo, Subtenente Domingo Pereira, Subtenente Nicacio Vieira, Subtenente Aniceto Lopez, Subtenente Manuel Decout, Subtenente Juan Martinez, Tenente Martinez, Cabo Teodoro Tapacio, Cabo Machuca, Cabo Vicente Almiron, Tenente Nuñez, Tenente Dionicio Estigarribia, Maquinista Juan Watts, dentre outros. Concluindo tal matéria nos seguintes termos:

*Debe pasar a la historia lleno de honor para nuestra marina la accion del 11 de Junio, en que ha enrojecido el agua del combate con la sangre de sus enemigos.*

*(...)*

*El triunfo del 11 está por nosotros.*

*Si, ellos no pueden gloriarse de haberlo conseguido. (...)*

*La jornada gloriosa del 11 de Junio<sup>24</sup> siempre recordaremos com orgullo.*

O enfoque no sacrifício dos combatentes paraguaios é outro ponto de destaque e de importante menção. Havia a necessidade de inserção dos que ainda estavam no campo de batalha - e da população paraguaia como um todo - a firme convicção de resistir até a morte. Ou seja, todo sacrifício pela pátria paraguaia não seria em vão, pois se constituía como um ato de glória pela defesa da República do Paraguai que estaria ameaçada de destruição pelo Império Brasileiro coligado a duas outras repúblicas.

---

<sup>22</sup> Álvaro Nascimento faz uma interessante análise a respeito da trajetória de Marcílio Dias na Marinha do Brasil bem como de sua constituição como figura reverenciada e lembrada pedagogicamente In. NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *O marinheiro negro Marcílio Dias: as muitas memórias de um cidadão exemplar*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 84-95.

<sup>23</sup> *El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*, Assunção, 24 de junho de 1865.

<sup>24</sup> Curiosamente, um periódico brasileiro publicado em Curitiba, intitulado “Dezenove de Dezembro”, publicaria poucos dias depois, em 08 de julho, uma matéria sobre a vitória brasileira na Batalha Naval do Riachuelo utilizando termos extremamente similares aos do *‘El Semanario’*: “gloriosa jornada de 11 de junho ficará eternamente memorial nos annaes de nossa marinha”. CF. BARBATO, Luís Fernando Tosta. *A Batalha do Riachuelo no jornal Dezenove de Dezembro: guerra e identidade nacional*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 22. DEZ-2015. pp. 105-112.

Glória e sangue. Com estes elementos tão difundidos nas épicas narrativas bélicas é que tanto o “*El Semanario*”, quanto o “*El Centinela*” propuseram aos seus leitores a apreensão da guerra em sua totalidade e da Batalha Naval do Riachuelo em suas especificidades que a tornaram uma espécie de exemplo a todos os outros embates que ainda estavam por vir. O exacerbado número de mortes do lado paraguaio não era abordado com consternação, mas, pelo contrário, era apontado como marca do valor e da bravura guerreira dos paraguaios que seriam lembrados pelas gerações futuras.

Nos anos subsequentes, diante do recrudescimento da guerra, os periódicos paraguaios continuavam a exultar a Batalha de Riachuelo. Conforme citamos anteriormente, o *El Centinela* em 1867 exaltava seus “marinos” pelos “*Celebres (...) combates navales que han tenido lugar en las aguas del Paraná*”. Por sua vez, em 1866, um ano após o confronto, o *El Semanario*, assim comemorava tal aniversário:

*Un ano há que las doradas puertas del templo de la gloria se abrieron al estrépito sonoro y magestuoso de las armas de la Republica (...) Asi terminó el glorioso combate del día 11 de Junio de 1865 en el lugar denominado “Rincon del Riachuelo”, que si no nos dió el triunfo definitivo sobre la armada enemiga, inscribió, com idelebles caracteres em la historia de la Nacion Paraguaya la accion mas brillante y elocuente del valor marcial de sus hijos, que pasma de admiracion al mundo guerrero. La escuadra enemiga, que huyó vergonzosamente del campo de batalla (...) Las glorias alcanzadas por la Nacion Paraguaya em la accion, única em su genero (...) y la sangre derramado de nuestros hermanos han contruido el baluarte inespugnable que ha detenido em los umbrales de la Patria á la formidable armada enemiga.*<sup>25</sup>

Outro aspecto recorrente, principalmente no *El Centinela*, por conta de sua proposta de “Periodico Serio-Jocoso”, é a exaltação do espírito guerreiro paraguaio ao mesmo tempo em que se buscava mostrar os inimigos como ridículos. Diversas vezes os combatentes da Tríplice Aliança são apontados como covardes, fracos, inábeis guerreiros. De modo proposital o tom satírico era bastante recorrente e aliado a ele estava a informalidade do texto, devendo-se aqui ter em vista que tal jornal tinha por intento alcançar os soldados letrados e iletrados, na medida em que a leitura da parte dos primeiros em voz alta aos seus companheiros era prática recorrente.

Bastante conhecida é também a construção de um discurso racial a respeito dos brasileiros, os quais são retratados como negros/escravos pelos jornais de Assunção. De modo pejorativo, muitas das vezes os militares do Império do Brasil eram chamados de “macacos do Imperador”. Além dos aspectos relacionados à tentativa de apresentar o

---

<sup>25</sup> ‘El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles’, Assunção, 16 de junho de 1866.

inimigo como inferior a partir de teorias racialistas do período, havia também o forte ensejo de demonstrar que em uma luta que postava, supostamente, escravos<sup>26</sup> e homens livres em lados opostos no campo de batalha, claramente os dotes morais e guerreiros mais louváveis estariam do lado dos homens livres da República.

No final de 1867, o *El Centinela* assim se referiria em tons de escárnio às forças brasileiras (fazendo menção inclusive à Batalha Naval do Riachuelo): “*Con que fuerzas nos combate el enemigo? Son acaso los negros esclavos que asaltamos en Coimbra y Corumbá, ó los imbeciles marinos que en Riachuelo avanzamos y derrotamos com nuestras celebres chatas y vaporcillos mercantes?*”<sup>27</sup>.

Isto é, ao apresentar o inimigo como composto por negros escravos e marinheiros imbecis que, apesar do grande potencial bélico, não tinham hombridade nem capacidade intelectual para usar tal potencial, tais periódicos intentavam dar fôlego em uma guerra que já chegava à exaustão àqueles que, por sua vez, eram representados como bravos e heróicos: os combatentes paraguaios.

## Conclusão

A história é escrita pelos vencedores. Com outro jargão comum no meio dos historiadores inicio as palavras finais deste texto. Diante da vitória da Tríplice Aliança em 1870 várias foram as abordagens a respeito da Guerra, suas motivações e consequências que se seguiram nas décadas após o conflito até os dias atuais. Diversos historiadores, com criterioso trabalho metodológico e minuciosa análise documental, apontaram com bastante competência os aspectos relacionados à Batalha Naval do Riachuelo e sua vitória pela Força Naval brasileira, assim como o seu importante papel no desenrolar do conflito, apesar de este ainda ter demandado mais cinco anos para ter seu desfecho.

Mas, cabe ao historiador estar atento aos sussurros das fontes documentais que ele questiona e a partir das quais aponta seus problemas. Quantas realidades são construídas a partir das apropriações de determinados eventos? A Batalha Naval do Riachuelo pode ser vista como um desses momentos, hoje vista acertadamente como um

---

<sup>26</sup> A respeito do recrutamento militar de escravos pelo Governo Brasileiro durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai Cf. IZECKSOHN, Vitor. *O recrutamento de libertos para a Guerra do Paraguai: considerações recentes sobre um tema complexo*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 96-110.

<sup>27</sup> ‘*El Centinela*’, Assunção, 05 de dezembro de 1867.

dos maiores enfrentamentos navais da América com um resultado que favoreceu a Esquadra Imperial brasileira.

Entretanto, não se pode perder de vista que em algum lugar, durante algum tempo e em determinados meios de difusão de informações, o vencedor da Batalha daquele domingo (e da terça-feira que se seguiu) foi outro. Ante o brado de “Glória aos vencedores. Glória ao Brasil”<sup>28</sup> ecoado no Rio de Janeiro através da *Semana Ilustrada* de 09 de julho de 1865, havia outro brado em Assunção enaltecendo no idioma espanhol um vencedor diverso: “*El triunfo del 11 está por nosotros. (...) La jornada gloriosa del 11 de Junio siempre recordaremos com orgullo*”<sup>29</sup>.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Periódicos

‘Semana Ilustrada’, Rio de Janeiro, 1865.

‘*El Centinela*’, Assunção, 1867.

‘*El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*’, Assunção, 1865-1866.

### Livros e artigos

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Riachuelo: uma batalha de controvérsias*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 54-73.

ARIAS NETO, José Miguel. *Uma batalha naval concentra por si só um século de glórias: Riachuelo na história e na memória*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 35-53.

BARBATO, Luís Fernando Tosta. *A Batalha do Riachuelo no jornal Dezenove de Dezembro: guerra e identidade nacional*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 22. DEZ-2015. pp. 105-112.

BITTENCOURT, Armando de Senna. *A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*. In VIDIGAL, Armando & ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Orgs.). *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009. pp. 253-300.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

---

<sup>28</sup> ‘Semana Ilustrada’, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1865.

<sup>29</sup> ‘*El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*’, Assunção, 24 de junho de 1865.

- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DONATO, Hernani. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FARINA, Bernardo Neri. *El periodismo de guerra*. Asunción: El Lector, 2013.
- IZECKSOHN, Vitor. *O recrutamento de libertos para a Guerra do Paraguai: considerações recentes sobre um tema complexo*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 96-110.
- JOHANSSON, María Lucrecia. *El guarani como arma de lucha: lengua e identidad nacional em la prensa de guerra paraguaya (1867-1868)*. In. RODRIGUES, Fernando da Silva & PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). *Uma tragédia americana: a Guerra do Paraguai sob novos olhares*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. pp. 501-531.
- MAYANS, Miguel Angel Pratt. *Condecoraciones Y Medallas de las Guerras del Paraguay*. Asunción: El Autor, 2007.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *O marinheiro negro Marcílio Dias: as muitas memórias de um cidadão exemplar*. In. Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 84-95.